

Levantamento das espécies comercializadas vernacularmente como cumaru no Estado do Pará

Madson Alan Rocha de Sousa¹, Victor Hugo Pereira Moutinho² e Simonne Sampaio da Silva³

Introdução

O Pará é o maior pólo madeireiro da Amazônia, respondendo por 45% do volume de madeira processada nessa região. A maior parte da produção do Estado abastece o mercado interno brasileiro, em especial as regiões Sul e Sudeste, destacando-se São Paulo como o maior mercado consumidor de madeira oriunda da hiléia amazônica [1].

Segundo dados da Associação das Indústrias Exportadoras de Madeiras do Estado do Pará - AIMEX [2], de 2002 a 2005, a produção paraense aumentou de US\$ 312.614.000,00 para US\$ 575.196.000,00, um crescimento de aproximadamente 54,5% em apenas quatro anos, saltando desta forma de terceiro para o segundo principal exportador de produtos madeireiros do país, atrás apenas do Paraná, sendo o único que possui entre os três primeiros a floresta nativa como fonte de matéria-prima.

A madeira comercializada sob a denominação de “cumaru” caracteriza-se por seu uso diversificado, desde a construção civil até a fabricação de móveis, torneados e cabos de ferramentas, destacando-se na fabricação de dormentes, devido à elevada durabilidade e por não fendilhar quando exposta ao sol [3,4]. Considerada uma essência florestal de alto valor comercial, essa madeira encontra-se entre as mais exportadas pelas indústrias do Estado [5].

Contudo, devido à extensa região de ocorrência e o significativo fluxo de comercialização de espécies tropicais, torna-se comum a utilização de múltiplos nomes comerciais para uma mesma madeira, assim como a existência de diferentes espécies comercializadas sob um mesmo nome [6]. Visto que não há uma padronização que associe o nome popular ao científico, tal fato torna-se preocupante, pois cada espécie possui propriedades físicas, mecânicas, tecnológicas e ecológicas diferentes [7], podendo comprometer assim a homogeneidade do produto final e a relação cliente - empresa.

Com o intuito de demonstrar quão grave é este problema, o presente trabalho teve como objetivo coletar amostras de cumaru em diferentes empresas madeireiras no Estado do Pará e identificá-las em nível de espécie, para verificar quais estão sendo comercializadas sob essa denominação.

Material e métodos

A identificação das espécies se realizou através da anatomia da madeira. Coletou-se aleatoriamente 50 amostras de madeira em 10 indústrias paraenses localizadas nos municípios que formam a Região Metropolitana de Belém (Ananindeua, Belém e Marituba) e na cidade de Marabá. Cada amostra de madeira foi coletada em toras distintas durante o processo de beneficiamento.

As indústrias visitadas possuem áreas próprias de exploração para suprimento de matéria prima, que estão localizadas em sua maioria na região central do Estado, abrangendo desde Santarém até Altamira, e zona oeste do Pará, margeando o município de Itaituba até Novo Progresso.

Para a correta identificação, efetuou-se a análise anatômica macroscópica de cada amostra coletada através da comparação com amostras padrões das Xilotecas Walter Alberto Egler, Museu Paraense Emílio Goeldi - MPEG, e IAN, da Embrapa Amazônia Oriental, sendo que as mesmas possuem material botânico identificado por especialistas e registrado em herbário.

Resultados e discussão

Após analisar as amostras coletadas verificou-se que cinco espécies, agrupadas em dois gêneros, *Dipteryx Schreber* e *Tabebuia* Gomes ex DC., são comercializadas sob a denominação de cumaru no Pará. As empresas utilizam ainda uma variação denominada de ‘cumaru amarelo’, que até então não era associada a nenhum nome científico. O gênero *Dipteryx* mostrou-se mais representativo tanto em volume quanto em número de espécies (Fig. 1).

A espécie *Dipteryx intermedia* Ducke apresentou-se como a mais comercializada no Estado, respondendo por 46% do material coletado nas indústrias. Contudo, apesar de amostras e exsicatas presentes nas xilotecas e nos herbários das instituições MPEG e Embrapa Amazônia Oriental, não foi encontrado para a espécie nenhum estudo científico registrado em publicações. Após comparação foliar entre as exsicatas de *Dipteryx intermedia* e as demais espécies do gênero, verificou-se a possibilidade da mesma estar sendo confundida com *Dipteryx punctata*, que não

1. Tecnólogo em Madeira pela Universidade do Estado do Pará – UEPA, Belém. Estagiário da xiloteca do Museu Paraense Emílio Goeldi. Av. Perimetral, 1901 - Terra Firme CEP: 66077-530 - Belém – PA. E-mail: madsonalan@yahoo.com.br

2. Tecnólogo em Madeira pela Universidade do Estado do Pará – UEPA, Belém. Bolsista da Secretaria de Ciência e Tecnologia do Amapá - SETEC Av. Presidente Vargas, 271, Centro, 2º Andar, Macapá, AP, CEP 68900-00. E-mail: aspmoutinho@yahoo.com.br

3. Mestra em Ciências Florestais pela Universidade Federal Rural da Amazônia – Ufra, Belém. Bolsista da xiloteca do Museu Paraense Emílio Goeldi. Av. Perimetral, 1901 - Terra Firme CEP: 66077-530 - Belém – PA. E-mail: xiloteca@mpeg.br

Apoio financeiro: Museu Paraense Emílio Goeldi- MPEG

possui amostra de madeira nas xilotecas pesquisadas. No entanto, necessita-se de estudo de profissionais especializados na área para verificar se ela está realmente sendo confundida com uma espécie já existente ou corresponde à uma nova espécie. Sendo assim, a principal espécie comercializada como cumaru no Estado do Pará, possivelmente ainda não possui correta identificação taxonômica.

Dipteryx odorata (Aubl.) Willd. apesar de ser a denominação científica geralmente associada ao nome vernacular cumaru, correspondeu a 42% das amostras coletadas, assumindo desta forma a posição de segunda espécie mais comercializada.

Todas as amostras coletadas sob o nome vernacular de cumaru-amarelo foram identificadas como *Dipteryx oppositifolia* (Aubl.) Willd. (= *Taralea oppositifolia* Aubl.).

As espécies identificadas como *Tabebuia serratifolia* (Vahl) G. Nicholson e *Tabebuia impetiginosa* (Mart. ex DC.) Standl, são conhecidas vulgarmente como ipê e foram encontradas em amostras oriundas de indústrias da capital paraense. As madeiras comercializadas como ipê na Amazônia diferem pela característica marcante da obstrução dos poros por uma substância amarelada denominada ipeína (Fig. 2). Apesar de possuírem propriedades tecnológicas bem próximas, a madeira de ipê possui maior valor de mercado em relação ao cumaru, devido principalmente ao uso em larga escala na produção de pisos. Esse equívoco ratifica a necessidade da correta identificação das espécies florestais pelas indústrias do Pará, pois ao comercializar essas essências florestais sob o nome comum de cumaru, o empresariado não detém o real conhecimento do estoque de sua floresta produtiva, podendo causar sérios danos ecológicos, como a

escassez e até mesmo a extinção de algumas espécies, além de comprometer a lisura na comercialização de madeiras, fragilizando a relação empresa-cliente.

Para dirimir a problemática de espécies agrupadas sob uma única denominação é necessário que se tome como prática a análise anatômica das madeiras como ferramenta auxiliar na identificação das espécies florestais.

Agradecimentos

Ao Museu Paraense Emílio Goeldi e a Embrapa Amazônia Oriental, por disponibilizar materiais e infraestrutura para a confecção do trabalho, aos pesquisadores Joaquim Gomes, Michael Hopikins, Pedro Lisboa, Osmar Aguiar, Cláudia Urbinati, Marília Costa e Telma Melo; pelo apoio, auxílio, correções, sugestões e empréstimo de literatura.

Referências

- [1] LENTINI, M.; PEREIRA, D.; CALENTANO, D. & PEREIRA, R. 2005. Fatos Florestais da Amazônia 2005. Belém: Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia.
- [2] AIMEX - Associação das Indústrias Exportadoras do Estado do Pará 2006 [Online]. Homepage: <<http://www.aimex.com.br/>>.
- [3] FOREX-cemex. [Online] 2006. Homepage: <http://www.forex-cemex.com.br>.
- [4] LOUREIRO, A.A.; SILVA, M.F. da & ALENCAR, J. da C. 1979. *Essências madeiras da Amazônia*. Manaus: INPA, v.1, p. 138-141, 245p.
- [5] VERÍSSIMO, A.; LIMA, E. & LENTINI, M. 2002. *Pólos Madeiros do Estado do Pará*. Belém: Imazon, p. 40-41, 72p.
- [6] CORADIN, V. T. R. & CAMARGOS, J. A. A. 2002. A Estrutura Anatômica da Madeira e Princípios para a sua Identificação. Laboratório de Produtos Florestais, Brasília.
- [7] FERREIRA, G.C.; MARTINS-DA-SILVA, R.C.V. & GOMES, J.I. 2001. Contribuição ao conhecimento de espécies de Leguminosae, conhecidas na Amazônia brasileira como "angelim" e variações. A silvicultura na Amazônia – contribuição do projeto EBRAPA / DFID. P.55-81. Belém: Embrapa Amazônia Oriental: DFID

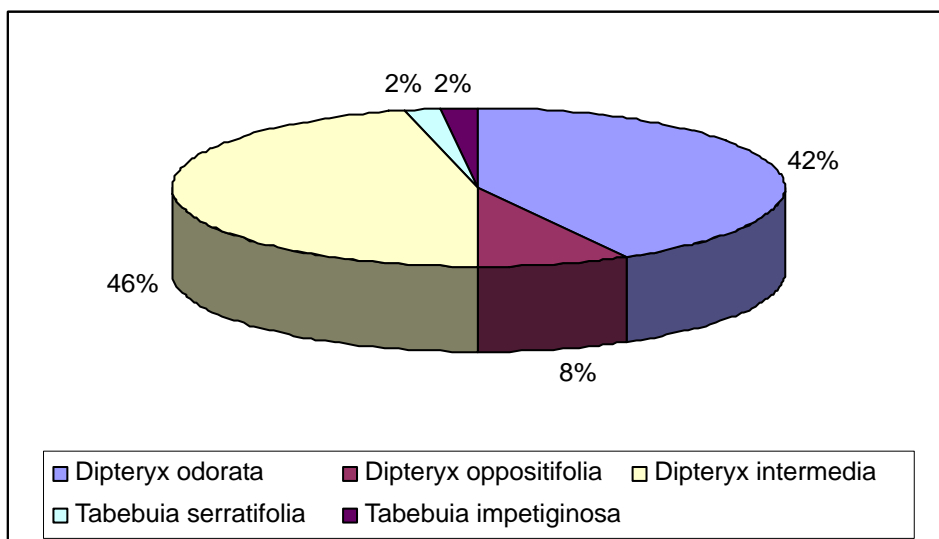


Figura 1. Representatividade de cada espécie de cumaru comercializada no Pará.

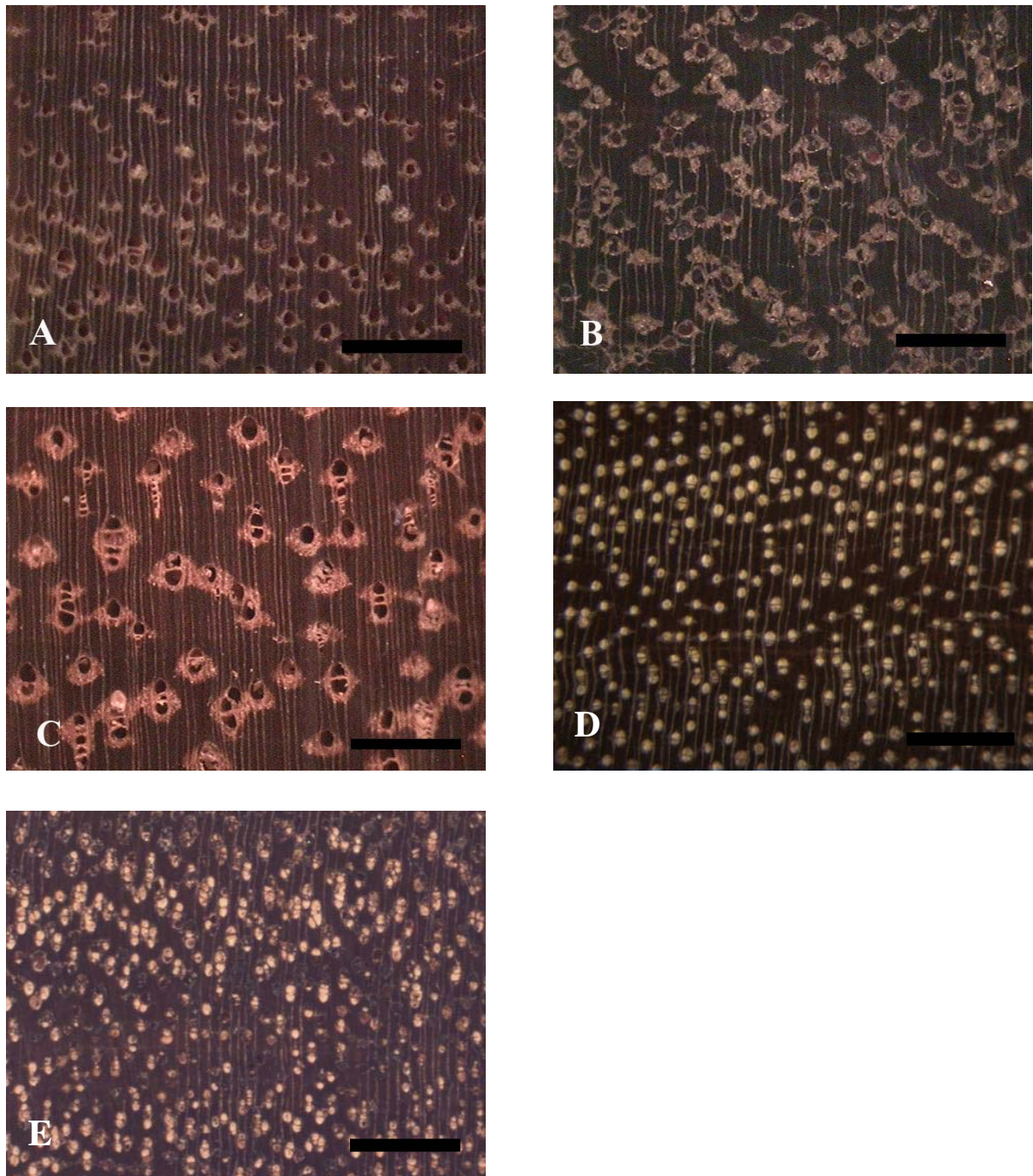


Figura 2. A-E – imagens da secção transversal ampliado em 3x das madeiras comercializadas como cumaru no estado do Pará. Fig. 2A – *Dipteryx intermedia*, 5mm; Fig. 2B – *Dipteryx odorata*, 5mm; Fig. 2C – *Dipteryx oppositifolia*, 5mm; Fig. 2D *Tabebuia serratifolia*, 5mm; Fig. 2E *Tabebuia impetiginosa*, 5mm.